

ESPAÇOS PÚBLICOS E VIDA NOTURNA

Espacios públicos y vida nocturna

Public spaces and night life

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir alguns aspectos da relação entre a vida noturna e os espaços públicos de uma grande cidade. Trata-se de demonstrar a importância do espaço para a existência de práticas sociais democráticas que envolvem um público durante o período noturno. A partir da observação do caso do Rio de Janeiro notou-se padrões de organização das práticas, dos conflitos e das negociações que falam sobre a emergência dos espaços públicos como cenários para a vida noturna.

Palavras-chave: noite; práticas sociais; publicidade.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es discutir algunos aspectos de la relación entre la vida nocturna y los espacios públicos de una gran ciudad. El intento es demostrar la importancia del espacio para la existencia de prácticas sociales democráticas entre un público durante el período nocturno. A partir de la observación del caso de Río de Janeiro se notaron patrones de organización de las prácticas, de los conflictos y de las negociaciones que repercuten sobre la emergencia de los espacios públicos como escenarios para la vida nocturna.

Palabras-clave: noche; prácticas sociales; publicidad.

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss some aspects of the relationship between nightlife and public spaces of a big city. The attempt is to demonstrate the significance of space for the existence of democratic social practices between a public during the night. From the observation of the case of Rio de Janeiro, practices, conflicts and negotiations patterns were noted and helped to think about the emergence of public spaces as a scenery for nightlife.

Keywords: night; social practices; publicity.

Marcos Paulo Ferreira de Góis

*Professor Adjunto da Universidade
Federal Fluminense
marcosruler@gmail.com*

Artigo recebido em:

Primeiro semestre de 2018

Artigo publicado em:

09/08/2018

INTRODUÇÃO

Este artigo deriva de algumas inquietações que apareceram em meus trabalhos de campo, realizados entre os anos de 2009 e 2014, e que foram parcialmente discutidas na minha tese de doutorado, defendida em 2015. Enquanto descrevia paisagens noturnas, cenários luminosos e práticas associadas à vida noturna, me deparei com diferentes grupos sociais, formas de apropriação do espaço e políticas urbanas voltadas para a noite carioca. Em trabalhos anteriores também discuti o passado e as atuais mudanças na vida noturna da cidade do Rio de Janeiro (Góis, 2014). O objetivo desse artigo é avançar um pouco sobre um dado particular observado em campo: a concentração de pessoas em espaços públicos durante a noite. A ideia aqui defendida é de que as práticas de sociabilidade ativam os espaços públicos durante o período noturno, algo defendido por Gomes (2012) em relação aos espaços públicos de forma geral. Esta ativação surge das atividades que são especificamente criadas para a diversão de um público, o qual se reúne, durante a noite, em alguns poucos centros de grande visibilidade no espaço urbano.

Como o ponto central de investigação contido neste artigo não havia sido objeto de uma pesquisa sistemática anterior, a construção de novas perguntas sobre o fenômeno das práticas sociais em espaços públicos durante a noite foi um passo crucial nessa direção. A primeira questão, e mais básica, dirige-se para a transformação

de espaços banais, públicos no sentido administrativo, em espaços públicos de fato, ou seja, lugares onde pessoas em seus mais variados matizes sociais se encontram e respeitam um conjunto de regras de convivência com o intuito de participar de um jogo social. Esta questão se desdobra ainda em outras, mais fundamentais para o meu próprio trabalho: por que determinados lugares se ativam como espaços públicos durante a noite? O que se deposita socialmente nestes lugares? Que regras os organizam? Quem participa? Que conflitos emergem?

A leitura do fenômeno a partir de um novo conjunto de questões se valeu de um processo de recuperação de dados de campo, como anotações, fotografias e croquis. De modo semelhante esta oportunidade nos garantiu um retorno às fontes hemerográficas e aos dados de análises qualitativas de legislações sobre o espaço público carioca. Reorganizado por novas questões, brotou um novo conteúdo teórico e empírico para a análise. A partir disso, propõe-se um encaminhamento organizado em três partes: a primeira buscará apresentar o marco teórico da discussão sobre os espaços públicos noturnos; a segunda tratará das questões metodológicas, da observação e das peculiaridades da pesquisa sobre o noturno; e a terceira parte será dedicada a alguns exemplos inspirados no caso carioca.



Revista do Programa de Pós-Graduação
em Geografia e do Departamento de
Geografia da UFES

Julho-Setembro, 2018
ISSN 2175-3709

ESPAÇO PÚBLICO, NOITE E SOCIABILIDADE

Todas estas questões são colocadas a partir de um lugar específico dentro de um plano teórico bastante restrito. Por isso, cabe dizer que o que estou chamando de espaço público é algo que envolve, ao mesmo tempo, um recorte espacial concreto, um lugar, e uma forma de relação entre pessoas, um público (Gomes, 2001). O espaço construído é fundamental não somente como uma base ou um palco para a ação humana, mas também como elemento ao qual se atribuem significações, sentidos e desejos. Assim, tal materialidade é recoberta por uma camada simbólica, constituída pelos valores sociais aí depositados. Sua relevância não pode ser, no entanto, reduzida a uma mera formalidade, como um espaço administrado por um agente social; nem mesmo se limitar ao uso banal, como mera rota, passagem ou elemento do fluxo cotidiano desinteressado. Se entendido como espaço público, a materialidade do espaço torna-se parte de um jogo social, ou melhor, um contexto para a participação de pessoas, um público (Crawford, 1995). Este público faz uso do espaço para dar visibilidade às suas ações e, ao fazer isso, dá visibilidade ao próprio espaço (Gomes, 2012).

O espaço público é caracterizado pela diversidade de pessoas que aceitam dividir um mesmo conjunto de regras sociais para conviver, para estar junto, apesar dos variados interesses e valores sociais que possuem enquanto indivíduos ou mem-

bro de uma coletividade. Neste sentido, a ordem é um fator crucial para que se mantenha a unidade em meio à diversidade do público (Berdoulay, Gomes e Lolive, 2004). Ocorre que os conflitos são inerentes ao caráter social do meio e a sua visibilidade às vezes pode denotar uma fissão social. No entanto, parte do processo democrático consiste na aceitação de que os conflitos ocorrem e que podem ser discutidos e negociados a partir de um conjunto de normas que regulam os direitos do cidadão e permitem a sua participação no jogo social.

Quando ativados durante o período noturno, os espaços públicos dão visibilidade e este mesmo conjunto de problemas. Há grupos sociais que ocupam um espaço construído e o resignificam a partir de suas práticas. No entanto, é necessário apontar que a noite não traz consigo um novo conjunto de regras ou um novo sentido para a vida pública. Ainda que certo ideário revolucionário aponte a noite como um período transgressivo (Cresswell, 1998), quando as leis se tornariam mais flexíveis e as práticas menos previsíveis, permanecem os esquemas sociais mais gerais que mantêm o respeito às normas. Há um espaço concreto, regulado e compartilhado socialmente que, em alguns momentos, apresenta conflitos de ordem social. Estes acontecimentos são, entretanto, comuns à noite e ao dia.

As práticas sociais é que parecem ganhar um novo conteú-

do. O interesse social pela noite passa a atender um público variado de pessoas que busca no contato com outros a realização de algum desejo. Trata-se de um jogo no qual as peças se movem em busca da satisfação de um desejo a partir do lazer noturno, ou seja, em busca de atividades que permitam aos indivíduos enredados na situação a solução de uma inquietação relacionada à diversão, ao prazer, à excitação ou à qualquer outra prática que envolva estar junto e compartilhar uma experiência, um acontecimento ou uma atividade naquele momento (Goffman, 2010). Pode se tratar daquilo que foi chamado de sociabilidade desinteressada por Georg Simmel (2005), ou seja, uma forma lúdica de socição, que vê no estar junto a realização de uma satisfação, sem que haja, de fato, um produto, um objetivo ou um resultado esperado. Desse modo, a noite é um momento no qual as práticas festivas ganham maior visibilidade, dando a impressão de que as regras se flexibilizam, quando, na verdade, se mantêm como pano de fundo das ações e das relações.

A ativação dos espaços públicos durante o período noturno demanda, portanto, o encontro entre pessoas, que formam um público, em um dado lugar, em um dado momento, que buscam a realização de um desejo, mormente relacionado às práticas de lazer. Isto possui uma relação bastante complexa com a forma como cada meio social valoriza a noite e o seu papel na reconfiguração dos comportamentos em espaços

públicos. De modo bem geral, este comportamento tende a ser associado às práticas de lazer e de entretenimento e tende a valorizar o caráter divertido e lúdico da noite. Não por acaso, a noite acaba sendo associada aos atos de ouvir música, dançar, beber, experimentar novas drogas, transar etc.

A ativação desses lugares decorre, portanto, de sua associação a alguma forma de prazer no estar com outros realizando alguma atividade que seja mais flexível do ponto de vista moral. Acredita-se que ir a tais lugares aumenta a chance de se realizar algo que é esperado, como encontrar certas pessoas e passar um tempo divertido fora dos ambientes de trabalho e de casa. Há uma certa expectativa pelo fim do dia e pelo início da noite, até mesmo porque “todo mundo espera alguma coisa de um sábado à noite”.

NOTAS METODOLÓGICAS

A observação dos espaços públicos noturnos pode ser concebida de diversas formas. A alternativa mais comum envolve a aplicação de um questionário ou de um roteiro de entrevista com os usuários. A pesquisa privilegiaria os sentidos e as razões que levam indivíduos e grupos a se encontrarem em bares, calçadas e esquinas durante a noite, suas redes de relacionamento e os valores atribuídos a tais ajuntamentos. Trata-se de uma reconhecida e eficaz metodologia, utilizada em diversos estudos sobre o tema nas ciências sociais e na geografia



Revista do Programa de Pós-Graduação
em Geografia e do Departamento de
Geografia da UFES

Julho-Setembro, 2018
ISSN 2175-3709

(Margulis, 1997; Almeida e Tracy, 2003; Magnani, 2005; Turra Neto, 2011).

Para responder às questões lançadas acima seguimos uma rota diferente. Decidimos valorizar a tradição geográfica da observação direta, o que inclui repetidas idas a campo, guiadas por registros imagéticos e textuais, que tentavam captar os movimentos e as estâncias escolhidas por um público em uma dada área. Croquis e fichas de registro de observação foram acompanhados de rápidas intervenções por meio de perguntas a usuários dos espaços, trabalhadores da noite e toda a sorte de pessoas encontradas no caminho. Em alguns momentos, os grupos eram seguidos – com a sua autorização e a minha identificação – no intuito de se descobrir os circuitos noturnos que conformavam os espaços públicos. Quase sempre me vi como um outsider, participando de atividades variadas, desde jogos de sinuca e karaokês até rodas de entusiastas de reggae. Cabe ressaltar que a decisão por um menor envolvimento não quer sugerir de modo algum uma pretensa neutralidade frente ao que foi pesquisado. A escolha sugere, sim, uma alternativa aos modelos que tendem a estudar a noite somente a partir de pequenos grupos, sem se pronunciar frente ao caráter diverso da organização social da vida noturna, seu público e espaços, o que, neste caso, possui nítida inspiração no trabalho realizado por Whyte (1980).

A variedade de apresentações no espaço público durante a noite constitui um desafio

metodológico para as investidas dos geógrafos. Há um conjunto praticamente infinito de possibilidades de trajetórias, incluindo um número também infinito de concentrações possíveis. Desta imensa variedade sobressaem, no entanto, padrões coreográficos, ou ainda, trajetórias e concentrações que se repetem. Há pontos mais atraentes, ligações mais fortes, caminhos mais recorrentes. O interessante é buscar algumas razões relacionadas a estes padrões. No campo vasto e aparentemente caótico de situações que se enquadram na noite de uma cidade há certa ordem espacial a ser exposta.

O interesse em perceber as lógicas das trajetórias e das concentrações foi despertado a partir do trabalho de Hagstrand (1967) sobre os produtores rurais suecos, especialmente a partir da leitura feita por Allan Pred (1977). Ao estudar os lugares de vida noturna a partir da ideia de trajetórias e de concentrações se quer reafirmar a importância dos padrões espaciais das práticas na composição dos cenários noturnos. Isto quer dizer que se observam as práticas sociais sob um ponto de vista que busca ir além das implicações meramente relacionadas às formas de consumo. Nesse caso, os praticantes possuem papéis mais amplos do que somente consumidores de serviços (Hollands e Chatterton, 2003). Admite-se aqui que os agentes sociais são indivíduos com poder de agenciamento e de negociação dos seus papéis e de seus lugares no espaço. Ao afirmamos a capacidade de

agenciamento na definição dos padrões socioespaciais valorizamos as práticas e atribuímos novo sentido ao espaço construído, como uma estrutura física que coloca limitações para trajetórias e concentrações, mas que também permite a negociação das posições, sendo parte integral dos cenários noturnos.

A repetição de trajetórias e de concentrações possui expressividade na apresentação de um determinado lugar durante a noite. Queremos dizer com isso que os cenários de vida noturna possuem uma centralidade que absorve os fluxos de outros lugares da cidade, concentrando-os em torno de suas atividades. Muitas trajetórias individuais se entrecruzam em lugares como a Lapa, a Praia de Copacabana ou o Largo do Machado e, em alguns casos, essa concentração é mais intensa durante a noite. Ao mesmo tempo, em cada lugar que apresenta intensa vida noturna se formam trajetórias e concentrações internas, as quais dão ao lugar a sua característica socioespacial. Nesse caso, trajetórias e concentrações são como desenhos gráficos que sugerem, pela prática recorrente, uma forma de estar e de ser na vida noturna.

Finalmente, a noite tem os seus próprios circuitos formados pelas práticas sociais de cada lugar e segundo os ritmos dos lugares, ou ainda, a noite fornece novos dados para que as práticas sejam renegociadas e reconstruídas em forma de padrões espaciais (Gwiazdzinski, 2005). Neste sentido, o estudo dos ritmos é uma boa forma de inspiração para a busca de pa-

drões, pois permite que o cotidiano seja agrupado a partir do lugar e não somente do interesse individual ou de grupos em relação a ele. A proposta de Lefebvre (1992) em relação à análise dos ritmos é relativamente conhecida e apresenta a possibilidade de compreender a cidade como um conjunto de múltiplas temporalidades colocadas em jogo cotidianamente. Por isso, para Lefebvre, não se trata de um estudo sobre a singularidade, mas de como o ajuntamento de ritmos diferentes em um dado lugar pode criar um padrão do lugar. Para Lefebvre, sempre que há interação entre um lugar, um tempo e um gasto de energia, há ritmo. Este ritmo é fundamentalmente formado por repetições.

Em geral, tende-se a pensar o ritmo noturno de um lugar como diferente de seu ritmo diurno, como uma ruptura em relação ao ritmo do dia. Para Lefebvre a noite tende a desacelerar o ritmo da cidade, reduzindo o tráfego de pessoas e de veículos, levando a cidade à arritmia social. Outros, como Mike Crang (2001), sugerem que, em geral, a noite tende a exibir um ritmo irregular para os setores mais tradicionais da sociedade, sendo associada aos distúrbios provocados pelos seus usuários. Ao que tudo indica, em nossa pesquisa, a noite seria um novo momento de negociação das práticas sociais, revelando atividades novas que são afinadas a partir de um novo diapasão. Os ritmos noturnos obedeceriam, assim, às renegociações dos lugares em que determinadas práticas



Revista do Programa de Pós-Graduação
em Geografia e do Departamento de
Geografia da UFES

Julho-Setembro, 2018
ISSN 2175-3709

poderiam ocorrer. Logo, em alguns lugares da cidade poderia prevalecer a arritmia noturna, enquanto em outros a noite anuncia a saída de um estado de arritmia e a chegada de um ritmo organizado ou mesmo de uma polirritmia, como pode ser visto na comparação entre a densidade observada durante o dia e a noite em duas áreas do centro da cidade do Rio de Janeiro: o largo da Carioca (figura 1) e o largo da Lapa (figura 2).

Cada área possui certo número de trajetórias e de concentrações que são de alguma maneira orientadas segundo um conjunto de variáveis espaciais como, por exemplo, a disposição do mobiliário, a proximidade com um elemento

de transição, a centralidade de um determinado ponto, a disponibilidade de iluminação, o ambiente sonoro etc. Todas as variáveis possuem um peso nas decisões sobre o caminho que será traçado ou o lugar em que se ficará mais demoradamente. Por um lado, esses elementos são estruturantes das escolhas, pois são parte de um aprendizado social sobre o espaço. Por outro lado, os indivíduos têm capacidade de negociar com esses elementos e utilizá-los conforme o seu interesse. Um bom exemplo pode ser obtido na obra de Perec (2016 [1975]) ao observar o efeito da chuva na circulação de pessoas em uma praça parisiense.

FIGURA 1



Duas imagens do Largo da Carioca, Centro do Rio. A primeira durante o dia, a segunda durante a noite. Trata-se de um lugar de vida diurna. (Fonte: Acervo do autor, 2010)

FIGURA 2



Duas imagens do Largo da Lapa, Centro do Rio. A primeira durante o dia, a segunda durante a noite. Trata-se de um lugar de vida noturna. (Fonte: Acervo do autor, 2010)

Cada área possui uma composição diversa de elementos socioespaciais e é isto que dá o seu caráter peculiar e diferenciado em relação a outros lugares. Os indivíduos podem, assim, mudar as práticas e as formas de negociação já que também mudam as características do espaço construído. A excepcionalidade ou particularidade de um lugar não é, no entanto, alheia aos padrões, pelo contrário, todo lugar é uma forma de combinação única de elementos comuns a outros lugares (Massey, 1994). Em alguns casos até mesmo a combinação entre os aspectos tende a se repetir. Em geral, formas de construir, de agir ou de iluminar tendem a se reproduzir em diferentes lugares. Os padrões de intervenção se baseiam em experiências compartilhadas que têm origem no passado da vida noturna: nas soluções urbanísticas, nas práticas sociais consolidadas e na base morfológica progressiva. O aprendizado social dessas estruturas socioespaciais é empregado no presente e prevê a sua continuidade no futuro, reproduzindo aspectos que tiveram algum sucesso no desenvolvimento de vida social noturna. Este talvez seja o aspecto estrutural da vida noturna.

O aprendizado dessas práticas e dessas formas de comportar não se dá, no entanto, como mera reprodução, mas possui um caráter criativo e um espírito renovador, já que a novidade é bastante apreciada para a vida noturna. Por

isso, o passado é reorganizado a partir de novas premissas: a boemia retorna sob uma nova função social, os belvederes mudam de lugar, as práticas de lazer se reorientam, as pessoas jogam o jogo social de outra forma. Maneiras de ser e de viver a vida noturna também passam a ser importadas de outros lugares, e os lugares de referência mudam: Paris, Nova York, Ibiza etc. A paisagem noturna é o resultado provisório dessas experiências compartilhadas por estes grupos e os padrões nos ajudam a organizar a observação dentro desta variada gama de situações. Dessa forma, podemos dizer que há também agenciamento, ou melhor, que a vida noturna possui também como característica o envolvimento de agentes nas práticas que ocorrem nos espaços públicos.

Voltamos o nosso olhar sobre as práticas, mas agora o fazemos a partir das considerações levantadas acima, ou seja, buscamos padrões estruturados pelas formas dos espaços públicos, seus ritmos e usos, vendo-as como ações deliberadas e intencionais que visam objetivos. Dessa forma, nem nos deixamos encantar pelas peculiaridades dos casos, nem enveredamos pela busca obsessiva de regras gerais do comportamento nos espaços públicos. Estabelecemos aqui somente uma interpretação possível de um conjunto de situações que se apresentaram ao nosso olhar geográfico.



Revista do Programa de Pós-Graduação
em Geografia e do Departamento de
Geografia da UFES

Julho-Setembro, 2018
ISSN 2175-3709

UMA OBSERVAÇÃO SOBRE ESPAÇOS PÚBLICOS NOTURNOS

Há pelo menos duas formas de tentar compreender como e porque um lugar se ativa durante o período noturno. A primeira delas decorre de um olhar diacrônico, que busca ver em um período mais longo de tempo a evolução deste lugar até se tornar um espaço público noturno; a segunda forma lida com situações hodiernas, ou seja, observa como cotidianamente estes espaços são ocupados e têm os seus ritmos alterados por esta ocupação. A intenção deste breve artigo é abordar a primeira forma para que ela forneça dados importantes para a interpretação da segunda. Por isso não se busca uma gênese dos espaços públicos, mas alguns elementos de sua história que podem ajudar a compreender as diferentes formas de ativação de espaços da cidade durante a noite.

Iniciamos por uma observação de mais longo prazo, abordando a constituição do espaço público como um processo de criação social de um lugar concreto para a realização de práticas ligadas ao noturno. Para isso olharemos para o caso do atual bairro da Lapa, na área central da cidade do Rio de Janeiro. A Lapa é associada como o mais importante centro da vida noturna carioca (Guterman, 2012). Essa tradicional associação decorre de seu passado, especialmente ao longo das décadas de 1920 e 30, quan-

do esteve vinculada ao lazer noturno boêmio, concentrado em seus opiários, bares, cafés e cabarés. No interior de uma sociedade conservadora, o bairro se manteve até meados da década de 1940 como um local onde práticas consideradas transgressoras poderiam se manifestar (Costa, 1993). É interessante notar, no entanto, que boa parte destas práticas ocorriam em espaços privados, raramente se expondo ao olhar dos agentes da ordem pública.

O bairro passou posteriormente por uma fase de estagnação decorrente de medidas estatais que procuraram tornar a área em um corredor viário de ligação entre a zona central e a zona sul da cidade após a década de 1940 (Abreu, 2006). A Lapa precisou passar por um processo de revalorização do seu espaço construído e de reorganização de suas práticas sociais para voltar a interessar a um público (Irias, 2007). Algo que só voltou a ser discutido no fim da década de 1970, com iniciativas públicas que tentaram garantir o retorno da “vida divertida” ao centro do Rio. Este processo começa no debate social aberto pelo projeto Corredor Cultural, voltado para a revitalização apoiada na preservação patrimonial e na promoção de uma economia diurna ligada à cultura e ao comércio e uma economia noturna ligada ao lazer e ao entretenimento

(Rio Arte, 1985; Pinheiro e Del Rio, 1993; Lima, 2007). É importante apresentar este caso para reafirmar o que já foi dito anteriormente: os espaços públicos se ativam a partir das práticas sociais, as quais, por sua vez, necessitam de um espaço concreto para se manifestarem.

A demanda pública por essa área da cidade ensejou uma ação administrativa e teve desdobramentos nas ações de certos grupos. Os anos 1990 são caracterizados como a fase de criação das primeiras casas de show, eventos noturnos e aglomerações em espaços públicos. A fase seguinte pode ser considerada como sendo a do auge do espaço público noturno, quando ele passa a ser reconhecido como um centro da vida noturna da cidade, uma referência para quem quer se divertir à noite. Isto implica em maiores aglomerações, recorrentes conflitos e significativos impactos no bairro, com novas regulações e debates políticos sobre o lugar. As recorrentes alterações no espaço físico, nas regulações dos comportamentos e na orientação aos comerciantes revelam o processo conflituoso que caracteriza a composição desse cenário (Rosa, 2014). Não por acaso, tais elementos nos ajudam a compreender a centralidade desse espaço na vida pública noturna da cidade, ou seja, não só a Lapa se torna um lugar valorizado e visitado, como também se transforma em uma área de grande visibilidade pública.

No auge, na era de ouro do espaço público noturno, o lugar passa de uma área associada a um grupo específico para se tornar o centro de interesse de uma sociedade (ver Souza, 2014). Ali se dão os encontros de diferentes trajetórias e as combinações de interesses diversos sobre uma mesma área. Este processo reorganiza a polarização urbana, deslocando as centralidades diurnas e ocupando novos centros. Muitos desses centros estão localizados em bairros residenciais, o que dá visibilidade a inúmeros conflitos, especialmente aqueles ligados aos problemas da circulação, do barulho e da segurança. A atuação do Estado nesse processo se dá por meio das regulações de uso do espaço público e em meio às demandas, reclamações e disputas entre os agentes sociais. A falta de um consenso acarreta em ações que impactam diretamente a organização do espaço físico e das práticas sociais.

Todas as reclamações que apareceram no debate incluíam desde moradores e visitantes até políticos, comerciantes, empresários e agentes públicos. Isto revela que a centralidade ou a publicidade de um lugar afeta diretamente o interesse público não somente para o uso, mas para o debate sobre a cidade, seus cidadãos e seus comportamentos e seus espaços construídos. No caso aqui estudado são as práticas noturnas desta sociedade que estão no centro do interesse. Práticas



Revista do Programa de Pós-Graduação
em Geografia e do Departamento de
Geografia da UFES

Julho-Setembro, 2018
ISSN 2175-3709

que são consolidadas ao longo do tempo, a partir do uso recorrente do espaço público.

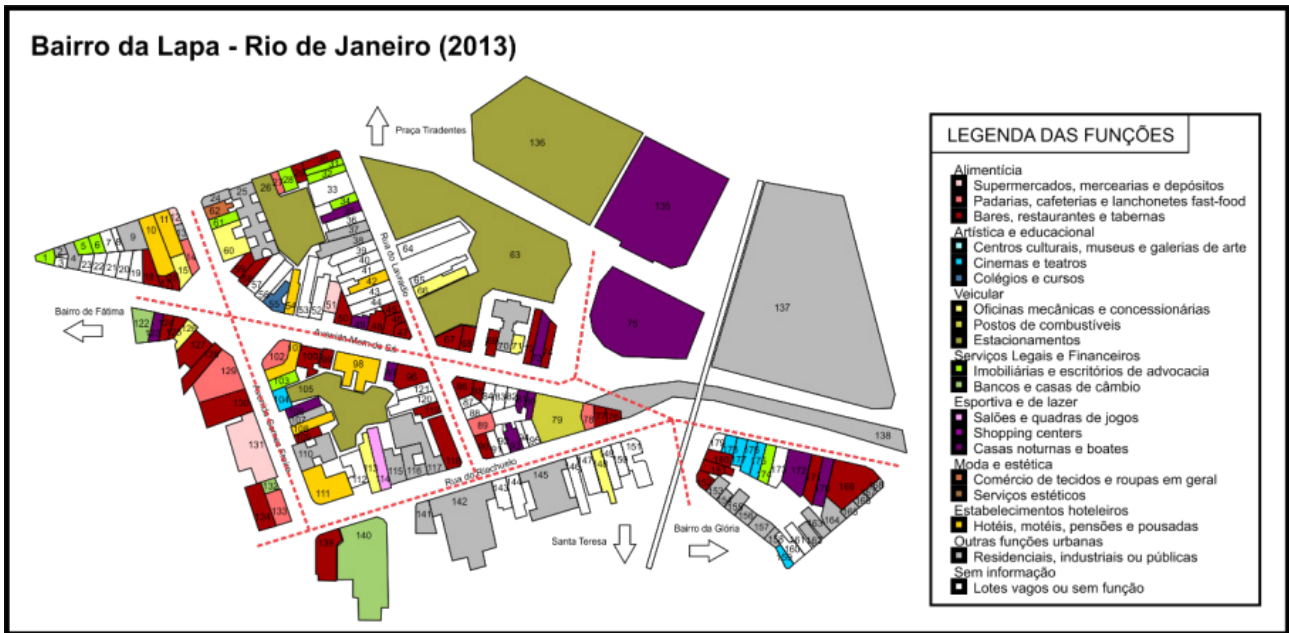
É bem comum que nos trabalhos que estudam a vida noturna se dê maior atenção aos lugares em que se concentram os indivíduos do que às suas trajetórias. Em geral, sabemos as características das atividades e as formas de relação, mas não entendemos como os indivíduos lá chegaram e como se deslocam nesses lugares. Aqui queremos demonstrar a partir do espaço público formado nos arredores dos Arcos da Lapa algumas dessas concentrações e trajetórias comuns nos finais de semana. Padrões observados em outras áreas da pesquisa serão, por hora, ignorados, ainda que possam ser encontrados em Góis (2015). Os circuitos aqui apresentados derivam das observações realizadas por Corrêa (1996) para a escala das redes urbanas.

Começaremos pelo padrão multivariado de circuitos noturnos da Lapa. Neste caso, trata-se de um padrão que tem um caráter mais complexo, apreendido como sendo múltiplo, revelando que não há uma lógica geométrica na distribuição dos pontos. Neste caso, a organização dos pontos no espaço não respeita a orientação de uma única via ou a concentração em torno de um quarteirão ou esquina. Trata-se, na verdade, de um padrão orientado pela densidade de atividades, expressão da centralidade do lugar e da facilidade de sua dispersão na

área. Em quase toda a extensão do bairro há atividades atrativas aos usuários (figura 3). Ainda que concentre boa parte das trajetórias ao longo da Avenida Mem de Sá, sua principal via, a área da Lapa se estende até quase a Praça Tiradentes e até o Passeio Público. Em meio a esta multiplicidade de trajetórias, é comum que os circuitos não obedeçam apenas às preferências dos usuários, os quais podem escolher trajetórias diferentes, em busca de novidades. A área da Lapa é, aliás, reconhecida por esta característica de ser um lugar que permite diversas estratégias de apresentação ao público.

Ao observarmos o croqui do bairro da Lapa notamos que as atividades ligadas ao noturno têm uma forte predominância, ocupando quase todos os lotes. Há grandes estacionamento (em tom ocre), múltiplos bares e restaurantes (em vermelho escuro) e ainda boates e casas de show (em lilás). As trajetórias são múltiplas, seguindo o traçado das ruas, mas recortando os estabelecimentos de variadas formas. O caso da Lapa é exemplar de uma característica da vida noturna carioca: o interesse dos agentes pelo percurso, pelo desfile e pela exploração do espaço. É muito comum que a escolha do percurso envolva paradas em lugares de concentração que servem como elementos para a decisão sobre que caminho seguir.

FIGURA 3



Croqui de uso do solo com as funções urbanas dos estabelecimentos localizados nos arredores do bairro da Lapa, área central do Rio de Janeiro. A linha tracejada em vermelho indica a trajetória dominante. (Fonte: Elaboração própria a partir de trabalhos de campo realizados entre os anos de 2009 e 2014)

A título de demonstração da imprevisibilidade das trajetórias relatamos um acontecimento. Ao seguirmos (com autorização) um grupo de jovens rapazes (com cerca de 25 anos de idade em média) pelas ruas da Lapa, notamos que se formava um padrão de percurso. Ao nos encontrarmos na Praça dos Arcos, seguimos em direção à rua Joaquim Silva, onde paramos para comprar cerveja em um ambulante e ouvir o que ocorria em uma roda de rap; seguimos então em direção a um samba em um bar na esquina com a travessa do Mosqueira, voltamos a comprar cervejas em um depósito e seguimos em direção à portaria do Circo Voador, onde esperamos para entrar em um show. O percurso teve nas paradas certo elemento de improviso, decorrente das necessidades geradas

pelo grupo, da atratividade dos acontecimentos que se dispunham no momento e das demandas de tempo que o grupo tinha que negociar antes de entrar no show. Poderíamos tentar imaginar outros caminhos caso eles tivessem mais tempo ou escolhessem outra rota, se houvesse uma oferta diferente de atrações etc. Naquele momento, segundo aquela oferta de lugares e os interesses do grupo, aquela trajetória fez todo o sentido para a atividade do “esquenta”, de preparação enquanto esperavam o início do show.

O caminho que fizemos também recobriu questões importantes: as condições impostas pelo espaço físico e pelo mobiliário urbano, a identificação com as atividades e os públicos presentes, o consumo de bebidas baratas e comidas

rápidas, a relação simbólica entre lugares e práticas. Tudo isso nos ajuda a ver a relação entre as escolhas dos grupos, as repetições de trajetórias, a estruturação de suas práticas e o reconhecimento de objetos do passado como elementos simbólicos que identificam e valorizam certas práticas.

Estes padrões de trajetórias e de concentrações são constituídos pela materialidade que os delimitam e que sugere percursos, mas também são parte das práticas ligadas ao noturno que reforçam as suas marcas sobre o espaço. Observamos que alguns desses padrões demoraram a se constituir, não sendo absolutamente dados pela morfologia, mas reorganizados a partir dela. O caso específico ilustra, de fato, uma atitude recorrente, na qual o ato de circular é uma forma de estar presente no espaço, de se apresentar e de ser apresentado a um público. Três situações podem ajudar a elucidar o que foi exposto.

Em primeiro lugar, nas estâncias onde se concentravam públicos notamos a existência de diferentes camadas de visibilidade estabelecidas pela posição relativa dos participantes. Algumas estratégias de localização ou de posicionamento se apresentam como relações entre alturas diferentes porque privilegiam um sentido quase universal de que o ponto de vista modifica a forma pela qual se estabelecem relações de importância (Gomes, 2012). O exemplo das sacadas e varandas do casario preservado

e transformado em centros de lazer e cultura no centro da cidade do Rio ilustra em boa medida esta situação. Neste caso, a posição privilegiada é acessível apenas aos clientes das casas de show e centros culturais, pois, ainda que ofereçam espetáculos em suas áreas internas, esses lugares permitem, com a abertura e o livre acesso às suas sacadas, que outro tipo de espetáculo seja observado: o espetáculo público que ocorre na rua, níveis abaixo. Quando apreciam este espetáculo, aquelas pessoas também se tornam parte de uma cena a ser observada, e dentro deste jogo social criam formas de interação. Para quem está acima se oferece um panorama ou um contexto de sua inserção na cena; para quem está abaixo se apresenta uma possibilidade de entender parte daquilo que se oferece quando se muda de nível.

Em segundo lugar, a posição no espaço público durante a noite não pode ser orientada somente dentro de uma lógica do tipo insider-outsider. Ainda que ela exista, ela não se faz presente de modo imperativo. Assim, os percursos e as concentrações existem porque há certa margem de manobra para o posicionamento no espaço, na interface entre público e privado. Estar dentro ou estar fora significa, nesse caso, negociar o seu papel e as concessões que são criadas: serei servido ou poderei me servir? Em que medida tenho o direito de me sentar? Posso usar os bancos para descansar ou devo

consumir algo para isso? Posso me proteger da chuva embaixo da cobertura improvisada? A área demarcada pelo uso muda a lógica do mobiliário urbano, dos comportamentos, dos usos e das regras e isto não está normalmente sinalizado e, mesmo quando está indicado, isto pode não ser uma imposição, pois pode ser negociado. Em boa medida, essa forma de interação entre um dentro e um fora flexível dá vida aos circuitos e trajetórias da vida noturna, concentrando-os em um local no qual se pode buscar, mesmo estando fisicamente fora, uma entrada ou uma janela para o olhar.

Em terceiro lugar, os pontos de encontro da vida noturna criam barreiras físicas, mas, mais do que isso, podem criar fronteiras identitárias, limiares de identificação que podem ser observados e devassados exatamente porque se encontram em espaços públicos. Lugares demasiadamente identificados a um grupo podem repelir a entrada de outros públicos, seja pelas marcas simbólicas deixadas no espaço, seja pelos comportamentos de seus usuários. A vida noturna nos espaços públicos adquire, portanto, um caráter mais “aberto”, que respeita a diversidade de formas de apresentação pública e que, por isso, tende a concentrar um maior número de pessoas. Em virtude disso, nos espaços públicos admite-se um meio-termo entre elementos de forte identificação e elementos de relativa generalidade. Neste sentido, estar em algum lugar representa uma forma diferen-

ciada de participação em uma organização social. Essas posições falam dos agentes, mas também falam dos lugares, indicam os códigos que são partilhados e sugerem potenciais formas de interação.

As observações das áreas e dos lugares de vida noturna nos levaram a buscar padrões da organização no espaço das práticas em sua relação com a morfologia. Essas duas dimensões incorporaram diferentes níveis de observação, sendo a última dedicada aos cenários da vida noturna, onde encontramos muitas situações na qual a negociação da posição acabava por sugerir limites físicos, comportamentais e de exposição. Ao estudarmos os limites notamos que o “meio-termo” era o lugar preferencial para as práticas dos participantes em ajuntamentos sociais e que “circular” ou “perambular” era uma prática fundamental para a existência da vida noturna. É no intervalo entre as concentrações, no meio do caminho, que muitas coisas acontecem. Há consumo, mas há também conversas, paqueras, apreciações da música, cumprimentos, degustações etc. A densidade permite isso e amplia as possibilidades de uma noite no caminho, entre dois lugares. Em outro momento (Góis, 2015) avaliamos que havia no carioca uma preferência pelo “meio-termo”, pelo “lusco-fusco”. Agora podemos seguir adiante e afirmar que os espaços públicos são o interlúdio da sociabilidade noturna, ou seja, eles dão unidade e visibilidade aos ajuntamentos sociais.



Revista do Programa de Pós-Graduação
em Geografia e do Departamento de
Geografia da UFES

Julho-Setembro, 2018
ISSN 2175-3709

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como um ponto final de discussão seria importante falar sobre o debate acerca dos limites e potencialidades dos espaços públicos. Quer seja resolvido no lugar, quer seja incorporado em outros ambientes políticos, ele é uma necessária ferramenta de fortalecimento da democracia. Ao mesmo tempo, esta democracia ocupa um lugar físico para o seu acontecimento. O debate sobre o que pode e o que não pode durante o período noturno remete diretamente ao caráter público dos espaços de realização da sociabilidade, da interação e da diversão. Quando a dimensão pública do espaço se perde, seja pela incapacidade de aceitação da presença do outro, seja pela dificuldade em se respeitar as regras ou negociar conflitos, a democracia perde o fôlego, as praças emudecem e as práticas desaparecem. Neste sentido, o espaço público noturno é ainda mais

frágil, especialmente quando se trata da violência ou da tentativa de se resolver por outros meios os conflitos sociais. Segundo dados do Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro para o ano de 2016, metade dos crimes violentos da cidade do Rio de Janeiro ocorreram durante a noite ou a madrugada. Isto é ainda mais grave quando pensamos que o fluxo de pessoas durante este período é quase cinco vezes menor do que durante o dia. É nessas condições que os espaços públicos entram em decadência e mantêm somente o seu estatuto administrativo, esvaziados de sua dimensão social. A insegurança é um fator que limita a presença, a circulação e a interação. Variáveis fundamentais para se compreender os espaços públicos noturnos, variáveis sem as quais não se pode pensar em espaços públicos noturnos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2006.

ALMEIDA, Maria Isabel; TRACY, Kátia Maria. *Noites Nômade: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BERDOULAY, Vincent; GOMES, Paulo; LOLIVE, Jacques. *L'espace Public à L'épreuve: régressions et émergences*. Pessac: Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajatórias Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

COSTA, Rosalina Maria. *Em Busca do Espaço Perdido: a reconstrução das identidades espaciais do bairro da Lapa na cidade do Rio de Janeiro*. 1993. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal

do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

CRANG, Mike. Temporalised Space and Motion. In: MAY, Jon; THRIFT, Nigel. (ed.). *Timespace: geographies of temporality*. Londres e Nova York: Routledge, 2001.

CRAWFORD, Margaret. Contesting the Public Realm: struggles over public space in Los Angeles. *Journal of Architectural Education*, v. 49, n. 1, p. 4-9, 1995.

CRESSWELL, Tim. Night Discourse: producing/consuming meaning on the street. In: FYFE, Nicholas R. (ed.). *Images of the Street: planning, identity and control in public space*. Londres e Nova York: Routledge, 1998.

GOFFMAN, Erving. *Comportamento em Lugares Públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. *A Gestão da Noite Urbana: entre discursos sobre ordem urbana e práticas socioeconômicas*. *Sociedade e Natureza, Uberlândia*, v. 26, n. 2, p. 221-235, mai/ago, 2014.

_____. *Paisagens Noturnas Cariocas: formas e práticas da noite na cidade do Rio de Janeiro*. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

_____. *Paisagens Luminosas e Cenários Noturnos: formas, práticas e significados na noite da cidade do Rio de Janeiro*. Niterói: Eduff, 2017.

GOMES, Paulo. *A Condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *O Lugar do Olhar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

GUTERMAN, Bruna. *Cidade-produto, Bairro-marca: como a Lapa está se tornando o mais carioca dos bairros*. 2012. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

GWIAZDZINSKI, Luc. *La Nuit, Dernière Frontière de la Ville. La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube*, 2005.

HAGERSTRAND, Torsten. *Innovation Difusion as a Spatial Process*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

HOLLANDS, Robert; CHATTERTON, Paul. *Urban Nightscapes: youth cultures, pleasure spaces and corporate power*. London: Routledge, 2003.

IRIAS, Frederico. *A Renovação Urbana da Lapa, Rio de Janeiro: um território de conflito?* 2007. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

LEFEBVRE, Henri. *Rhythmanalysis: space, time, and everyday life*. Nova York: Continuum, 1992.

LIMA, Evelyn Furquim. *Corredor Cultural do Rio de Janeiro*:



Revista do Programa de Pós-Graduação
em Geografia e do Departamento de
Geografia da UFES

Julho-Setembro, 2018
ISSN 2175-3709

uma visão teórica sobre as práticas da preservação do patrimônio cultural. *Revista Fórum Patrimônio*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 78-91, set./dez., 2007.

MAGNANI, José Guilherme. Os Circuitos dos Jovens Urbanos. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

MARGULIS, Mario. *La Cultura de la Noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires*. Buenos Aires: Biblos, 1997.

MASSEY, Doreen. A Global Sense of Place. In: MASSEY, Doreen. *Space, Place and Gender*. Minnesota: University of Minnesota Press, 1994.

PEREC, Georges. *Tentativa de Esgotamento de um Local Parisiense*. São Paulo: Gustavo Gili, 2016 (1975).

PINHEIRO, Augusto; DEL RIO, Vicente. Cultural Corridor: a preservation district in downtown Rio de Janeiro, Brazil. *Traditional Dwellings and Settlements Review*, Berkeley, v. 4, n. 11, p. 51-64, 1993.

PRED, Allan. The Choreography of Existence: comments on Hägerstrand's time-geography and its usefulness. *Economic Geography*, v. 53, n. 2, p. 207-221, 1977.

RIOARTE. *Corredor Cultural: como recuperar, reformar ou construir seu imóvel*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1985.

ROSA, Rodrigo de Moraes. *Espetáculo Urbano ou Urbano como Espetáculo: a Lapa (en)cena*. 2014. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

SIMMEL, Georg. The Metropolis and Mental Life. In: BRIDGE, Gary; WATSON, Sophie (ed.). *The Blackwell City Reader*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

SOUZA, André Felix. *Lapa: um lugar central para a sociabilidade noturna*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

TURRA NETO, Nécio. Metodologias de Pesquisa para o Estudo Geográfico da Sociabilidade Juvenil. *Ra'ega - O Espaço Geográfico em Análise*, Curitiba, v. 23, p. 340-375, nov., 2011.

WHYTE, William Hollingsworth. *The Social Life of Small Urban Spaces*. Washington: Conservation Foundation, 1980.